

VIEMOS PARA OUVIR, MAS ACONTECEU O INVERSO.

(Jair Meneguelli, presidente da CUT.)

FMI admite reduzir

FUNDO SE DISPÕE A NEGOCIAR REDUÇÃO. EM TROCA, QUER

JORNAL DA TARDE — 9

CAMDESSUS QUERIA NOS OUVIR.

1/3 da dívida

APROVAÇÃO DA REFORMA FISCAL.

externa

O Fundo Monetário Internacional (FMI) negociará a redução de um terço da dívida externa do Brasil (o equivalente a cerca de US\$ 40 bilhões) e a extensão dos prazos de vencimentos junto aos bancos internacionais. A disposição, no entanto, está condicionada à aprovação imediata da reforma fiscal pelo Congresso, afirmou ontem o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, que se reuniu com presidentes de centrais sindicais e economistas em São Paulo.

Segundo o presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Jair Meneguelli, Camdessus admitiu que a crise brasileira é reflexo de "erros" de negociações feitas por governos anteriores. Os números do FMI apontam crescimento zero do PIB neste ano e projetam recuperação de 3% e 5% para 1993 e 1994, respectivamente.

Foi a primeira vez que um representante do FMI se reuniu com sindicalistas brasileiros. O convite para o encontro com os presidentes da CUT, Jair Meneguelli, da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), Francisco Canindé Pegado, e da Força Sindical, Luiz Antônio Medeiros, partiu do próprio Camdessus. Anteontem, ele havia se reunido com o governador Luiz Antônio Fleury e com a prefeita Luiza Erundina, no Palácio dos Bandeirantes. Durante o encontro, observou que a reforma fiscal é a próxima e essencial etapa do programa de ajuste brasileiro.

"Viemos para ouvir, mas aconteceu o inverso. Camdessus queria

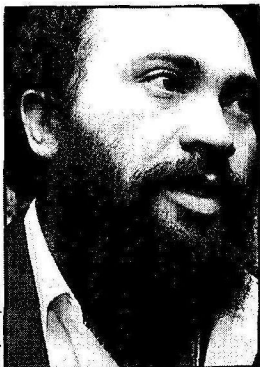
nos ouvir", explicou Meneguelli. Medeiros considerou a reunião um "sinal de prestígio". Para Pegado, no entanto, "houve muita retórica". Segundo ele, Camdessus pediu "esforço" dos dirigentes junto aos políticos para a aprovação urgente da reforma.

Após o encontro com os líderes sindicais, Camdessus se reuniu com economistas, entre os quais dois ex-ministros da Fazenda. O diretor-gerente do FMI foi enfático

ao falar da necessidade de serem realizados rapidamente os ajustes estruturais, sem os quais o País não conseguirá a estabilidade econômica nem fechar acordo com os bancos credores. Ele pediu a opinião dos presentes sobre o ajuste fiscal e, apesar do consenso da sua necessidade, encontrou ceticismo em muitos e visões

opostas ao que pretende o governo em outros. Alguns participantes estranharam o interesse de uma autoridade externa em ouvir opiniões a esserespeito, atitude não tomada até agora nem mesmo pelo presidente Fernando Collor ou pelo ministro Márcilio Marques Moreira.

Estiveram presentes ao encontro, realizado no auditório do jornal **Gazeta Mercantil**, Mailson da Nóbrega, Luiz Carlos Bresser Pereira (ex-ministros da Fazenda), Ibrahim Eris (ex-presidente do Banco Central), Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo (assessor do governo do Estado para Assuntos Internacionais), senador Fernando Henrique Cardoso e os economistas Paulo Nogueira Batista Júnior e Walter Barelli.



Arquivo/AE

Pegado: retórica.